



**NÚMERO 8** Lupi ainda não caiu, mas Negromonte já está na mira

**POLÍTICA ECONÔMICA** O objetivo agora é o crescimento

# CartaCapital

POLÍTICA, ECONOMIA E CULTURA [www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br)

# Obesidade

## A FÓRMULA CERTEIRA

Dois cientistas brasileiros desenvolvem método de combate mais eficiente e são celebrados pela comunidade acadêmica internacional



COM CONTEÚDO

The Economist

23 DE NOVEMBRO DE 2011

ISSN 1609-6697

00673



9 771809 669002 ANO XVII N° 673 R\$ 9,90

## 14 | BRASILIANA

Da redação de uma lei paulista nasceu uma lenda urbana

## 18 | ROSA DOS VENTOS

MAURICIO DIAS e os rumos do mundo político

## 22 | A SEMANA

A opinião de CARTA-CAPITAL sobre os assuntos do momento

## 25 | BLOGS DO ALÉM

VITOR KNIJNIK psicografa os grandes falecidos

## SEU PAÍS

### 28 | SEMPRE CABE MAIS UM

Carlos Lupi, ministro do Trabalho, ainda não foi decapitado, mas a engrenagem das denúncias já mira Mário Negromonte, o titular da pasta de Cidades

### 34 | O EMBAIXADOR DA TRAMOIA

Dirigente do PCdoB de Americana (SP) é acusado de usar estrutura do Segundo Tempo em benefício próprio

### 38 | A HORA DE REATIVAR A ECONOMIA

Com a inflação em queda, o foco da política econômica passa a ser o PIB

## NOSSO MUNDO

### 54 | A ERA DOS INTERVENTORES

Monti e Papademos começam seus governos, mas os problemas da Europa estão longe de terminar

### 58 | O PRECIPÍCIO FICA MUITO PRÓXIMO

Os efeitos da crise econômica sobre a Turquia e o Leste Europeu



SERGIO LIMA/FOLHAPRESS

28. Sexto ministro de Dilma acusado de corrupção, Carlos Lupi perde o apoio de seu partido, o PDT



## PREVIDÊNCIA PRIVADA

### A cultura da poupança

A renda em alta e planos mais adequados aos vários tipos de clientes aumentam os atrativos de um mercado que já cresce em ritmo chinês. PÁG. 43

## 60 | O FRACASSO DA GUERRA ÀS DROGAS

Nem a Colômbia de Juan Manuel Santos aposta mais no mero uso da força

## IDEIAS

### 66 | A CRIAÇÃO DE UM BIG-BANG

Médicos brasileiros descobrem um novo e eficaz método contra a obesidade

### 71 | SAÚDE

Os diagnósticos do dr. ROGÉRIO TUMA

### 74 | TECNOLOGIA

O admirável mundo novo, por FELIPE MARRA MENDONÇA, direto de Londres

## PLURAL

### 76 | COM A GRANADA NA MÃO

Um livro e uma exposição fotográfica discutem o legado de Diane Arbus

### 79 | REFOGADO

MARCIO ALEMÃO tempera o mundo com graça

### 80 | O RESTAURO DE UMA NAÇÃO

O crítico de cinema e historiador Alberto Barbera vê uma geração perdida na Itália, país que demonstrou a necessidade do filme político

## 82 | NA CORTINA DE SILÊNCIO

Pesquisador especula em livro sobre o que seria a história da filosofia se a obra dos defensores do riso, como aquela do pensador Demócrito, fosse amplamente conhecida

## 84 | CARIOCAS (QUASE SEMPRE)

Diretamente de Ipanema, CARLOS LEONAM & ANA MARIA BADARÓ

## 85 | BRAVO!

Dropes sobre cultura e entretenimento

## Nossos colunistas

### 26 | Wálter Fanganiello

Na LINHA DE FRENTE pela cidadania

### 37 | Delfim Netto

Faz a análise crítica da economia, em SEXTANTE

### 41 | Luiz Gonzaga Belluzzo

Na CONTRACORRENTE da globalização

### 72 | Sócrates

coloca esporte e política na marca do PÊNALTI

## 90 | RETRATOS CAPITAIS

As personalidades em evidência

Nesta semana em [www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br)

- Familiares de internos da Fundação Casa, antiga Febem, relatam a **Clara Roman** os abusos sofridos pelos menores
- **Gabriel Bonis** mostra como a Alemanha lidera esforços para tirar a Europa da crise lutando por interesses próprios
- **Fernando Vives** analisa os tempos difíceis enfrentados por Joseph Blatter e Ricardo Teixeira, os dois mandachuvas da Copa do Mundo de 2014

SIGA-NOS TAMBÉM NO TWITTER: [www.twitter.com/cartacapital](http://www.twitter.com/cartacapital)

## CENTRAL DE ATENDIMENTO

ASSINATURAS, SUGESTÕES E RECLAMAÇÕES

Tels. 0800 707-0262

11 3038-1477

fax 11 3038-4915

11 3038-4917

[cartacapital@acsolucoes.com.br](mailto:cartacapital@acsolucoes.com.br)

De segunda a sexta, das 8 às 20 horas  
Sábado, das 9 às 15 horas

ATENDIMENTO ON-LINE:

[www.assinantecartacapital.com.br](http://www.assinantecartacapital.com.br)

# A criação de um big-bang

**OBESIDADE** | Um casal de cientistas brasileiros, Wadih Arap e Renata Pasqualini, descobre nos EUA uma nova e eficaz fórmula para combater a doença

POR GIANNI CARTA\*

**E**STA É UMA história de convergência de pontos positivos no mundo afetivo e científico. Unidos, dois brilhantes pesquisadores brasileiros “criaram um big-bang”, nas palavras de Riad Younes, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Em entrevista a *CartaCapital*, Randy J. Seeley, diretor do centro de pesquisa de diabetes e obesidade da Universidade de Cincinnati, em Ohio, concorda: “A pesquisa inovou a luta contra a obesidade”. E acrescenta: “Por causa do número limitado de drogas aprovadas pela FDA (*Food and Drug Administration*) estamos precisando de novidades com urgência”.

Seeley, que não participou desse trabalho mas está em contato com o casal de pesquisadores brasileiros, acrescentou: “Não sabemos ainda como usaremos esse estudo, mas criou-se uma nova forma de pensar terapias contra uma série de doenças que se tornam mais graves em decorrência da obesidade”.

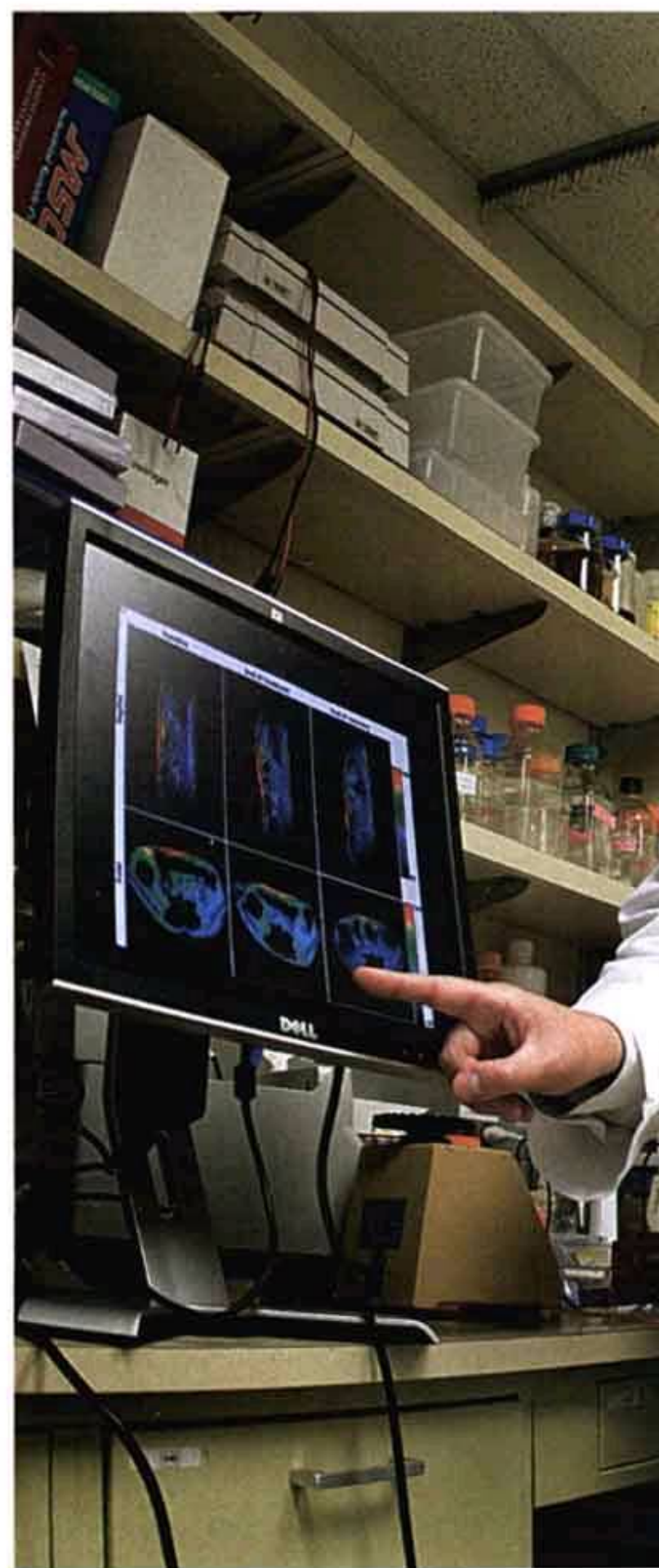
**Em busca da cura** para o câncer no prestigiado M.D. Anderson, da Universidade do Texas, em Houston, Renata Pasqualini e Wadih Arap, de 45 e 52 anos, descobriram um novo método para combater a doença. “Tipicamente, os tratamentos suprimem o apetite ou aumentam o metabolismo periférico”, observa Arap. Ou agem nos dois sentidos. Devido aos efeitos colaterais desses medicamentos, vários deles têm sido retirados do mercado.

Nos Estados Unidos, para citar o

exemplo de um país cujos cidadãos exageram nas calorias, cerca de um terço dos habitantes é de obesos. A obesidade provoca, entre outras, doenças cardiovasculares e diabetes tipo 2. O doutor Wadih Arap explica como funciona o novo tratamento: “Trata-se da destruição dos vasos sanguíneos que irrigam o tecido adiposo branco (*de gordura*)”. E emenda: “Ao destruir esse tecido, a gordura é liberada, cai na circulação e é metabolizada de novo, e lentamente, no fígado. É por isso que macacos obesos usados como cobaias perdem peso”. Ainda segundo Arap, ocorre também uma diminuição do apetite. “Provavelmente, isso acontece quando a gordura cai no sistema circulatório e há uma interação com o hipotálamo (*região do cérebro*).”

Ricardo Brentani, presidente do Hospital A.C. Camargo, realça que Pasqualini e Arap têm sistematicamente provado em seus experimentos e artigos acadêmicos que artérias e veias a carregar sangue no sistema vascular têm diferentes assinaturas moleculares baseadas na sua localização no corpo. Fala-se em códigos postais (CEPs, ou Zips, na sigla em inglês).

Para simplificar, é por reconhecer o CEP do tecido adiposo que Pasqualini e Arap podem direcionar no alvo uma droga chamada adipotide. Resultado: macacos-rhesus espontaneamente obesos perderam em média 11% do peso em 28 dias. Durante esse período receberam injeções diárias de adipotide. Além da significativa perda de peso, houve reduções no índice de massa corporal e na circunferência





**Os tratamentos atuais ou suprimem o apetite ou aumentam o metabolismo periférico. O novo método destrói os vasos sanguíneos que irrigam o tecido adiposo**

**Equipe.** Kirstin Barnhart dirige o projeto que usa macacos como cobaias. O casal vive feliz pela química dos sentimentos



F. CARTER SMITH/POLARIS IMAGES

da cintura. Mais: “A quantidade de insulina que os macacos obesos precisaram no final do tratamento foi em média 53% inferior à necessária no início do tratamento”, observa Arap.

Testes clínicos com humanos envolverão obesos com já no próximo ano. Isso porque o M.D. Anderson lida, como diz Arap, “inteiramente com pacientes portadores de câncer na próstata”. Arap levanta a seguinte questão: “Se melhorarmos o perfil metabólico desses pacientes, também haverá melhoras para os tratamentos de câncer?”

**Com os direitos** licenciados para a Ablaris Therapeutics Inc., o remédio deverá ser usado ainda para outros fins. Por exemplo, pacientes medianamente obesos poderiam tomar a droga antes de ser submetidos a cirurgias bariátricas. Numerosos pacientes obesos, vale sublinhar, são inoperáveis. O adipotide poderia, ainda, ser usado no tratamento para a diabetes tipo 2. (Arap, diga-se, quis ser transparente ao dizer que ele e sua mulher são investidores da Ablaris Therapeutics. Os royalties gerados pela comercialização do remédio serão de Pasqualini e Arap.)

Uma das inovações do estudo foi o uso de macacos obesos em vez de camundongos, como em 2004. À época, 30% dos camundongos obesos que tomaram injeções de adipotide por quatro semanas ficaram esbeltos. O estudo foi publicado pela prestigiosa revista acadêmica *Nature*.

“Fundamental para provar que a droga adipotide e o tratamento de forma geral funcionam era usar maca-

cos, e pelo mesmo período em que o remédio foi utilizado em camundongos”, explica Kirstin F. Barnhart, veterinária e patologista Ph.D. que dirige o projeto nos 5% dos 950 macacos obesos em um vilarejo nas cercanias de Austin, Texas. O motivo? “A obesidade em primatas é muito mais similar à humana nos planos psicológico e metabólico.” Segundo Barnhart, drogas contra a obesidade foram usadas em macacos obesos, mas esta é a primeira vez que o adipotide é aplicado em macacos.

Barnhart explica por que é importante a escolha dos macacos espontaneamente obesos. “Eles representam aquela fatia da população que tende a comer mais, tem predisposição para engordar e não faz exercícios.” Em miúdos, esses macacos obesos representam a população obesa. Dito isso, Barnhart poderia engordá-los obedecendo a vários regimes, como o McDonald’s, dieta que não requer maiores explicações.

**Ainda segundo** a veterinária, houve efeitos colaterais. Pasqualini confirma: “A toxicidade realmente parece exclusiva a um fragmento da droga que acaba sendo liberado pelos rins e produz uma série de lesões não sérias”. Brentani diz: “São efeitos colaterais pequenos e contornáveis”. E reversíveis.

Brentani, além de ter sido mentor de Pasqualini na sua tese de doutorado na USP, é o elo da história de amor entre sua ex-aluna e Arap. Após ter recebido seu título de pós-graduação, Pasqualini fez outro curso de pós-graduação na Universidade Harvard, em Boston.

Em 1993, Arap ligou para Brentani da Califórnia. Após dois anos de *fellowship* no Memorial, em Nova York, Arap à época cursava uma pós-graduação em biologia de câncer em Stanford. Arap disse a Brentani que precisava de elementos químicos específicos não disponíveis onde se encontrava. Brentani deu o número do telefone de Pasqualini: ela tinha acesso aos elementos procurados. Deles, como reportou com acuidade Eric Berger, do diário *Houston Chronicle*, nasceu a química entre os dois cientistas brasileiros. Após receber a preciosa mercadoria, Arap convidou Pasqualini para proferir uma palestra na Califórnia. A passagem incluía uma noite livre, sábado.

A palestra aconteceu na quinta. Na



#### Cupido.

*Brentani, com Dias Neto, foi mentor de Pasqualini e a pôs em contato com Wadih*

em Nevada, onde casamentos podem ser realizados sem nenhuma burocracia, e a qualquer momento. O deles celebrou-se às 11 da noite. No Brasil, Brentani foi padrinho do casamento no religioso.

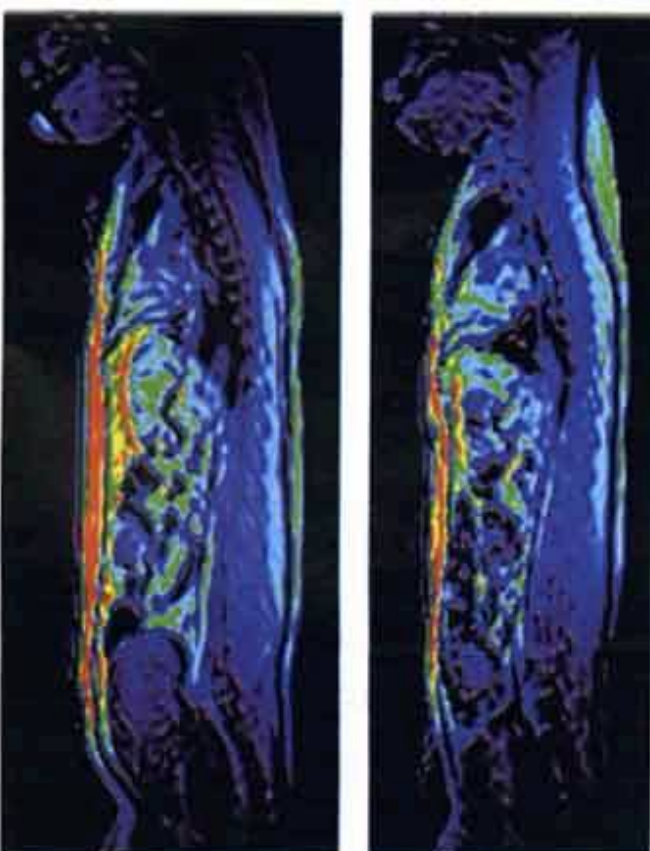
Familiares e amigos ficaram perplexos. Houve quem dissesse que não ia durar dois meses. “Estavam redondamente enganados”, diz Sami Arap, irmão caçula de Wadih. Saminho, como é conhecido pela família, acrescenta: “Eles se complementam em to-

sexta, Arap a pediu em casamento. Escreveu Berger: “Dever ter sido uma palestra e tanto”. Dois meses depois, o casal estava

dos os sentidos”. Como assim? “Ele é o médico e cientista pragmático. Ela é a cientista mais propensa a topar riscos. E assim eles chegam a um consenso.”

**Saminho, de 47 anos**, sabe do que fala. Advogado internacional, ex-capitão da Seleção Brasileira de Rugby e atual presidente da Confederação Brasileira de Rugby, ele descreve com graça cenas do casal. De repente, durante um jantar em Houston, Arap desenha uma fórmula sobre um guardanapo, Pasqualini dá uma olhada “e os dois partem para o laboratório”. Saminho, um homem robusto e falante, toma mais um gole de cerveja e pondera: “Eles funcionam assim”.

Ao completar 12 anos, Wadih Arap



**Adipotide é a droga direcionada no alvo desejado. Macacos-rhesus, submetidos ao tratamento, perderam 11% do peso em 28 dias**

**Antes e depois.**

*“A obesidade em primatas é muito similar à humana”, diz Barnhart*

pediu ao tio, o famoso professor e cirurgião Sami Arap, um brinquedo chamado Pequeno Cientista. “Era uma caixa enorme que continha tubos de ensaio, lâminas, microscópio, ferramentas supostamente cirúrgicas e outros instrumentos que eu desconhecia”, lembra Saminho. Wadih passava dias e dias atirando-se às experiências. Um dia, o irmão menor escondeu o microscópio. “O Wadih quase me matou.”

**No Colégio** Dante Alighieri, Wadih era o primeiro da classe. Na Escola de Medicina da Universidade de São Paulo, também: “Ele não parava de estudar”. A grande dúvida dele, observa Saminho, era se queria clinicar ou ser cientista. “Ele sofria muito quando perdia um paciente, mas, ao mesmo tempo, pretendia pesquisa.” Sua obsessão era encontrar uma cura para o câncer e para tanto esse sonho acreditava ser necessário trilhar pelos dois caminhos. Saminho continua: “Acho que com os anos e também graças à Renata ele encontrou um equilíbrio entre a medicina e a ciência”.

Riad Younes, ex-diretor clínico do Hospital Sírio-Libanês, conheceu Arap na faculdade. “Ele se envolvia na parte intelectual e esportiva e também no ‘Show da Medicina’, no teatro.” Tratava-se de um espetáculo satírico: as mulheres só costuravam, os homens faziam papel de mulheres, aprendiam a dar passos de balé, caçoavam dos professores. “Era muito engraçado”, recorda Younes, rindo de cenas passadas.

Quando Younes estava no último ano da faculdade, Arap fez residência no Hospital das Clínicas. “Ele já era um aluno acima da média, mas ficamos ainda mais amigos e realmente pude constatar seu alto nível como profissional”, conta Younes, atualmente coordenador de oncologia cirúrgica do Hospital São José da Beneficência Portuguesa.

Younes e Arap reencontraram-se no Memorial, em Nova York, onde fizeram dois anos de *fellowship*. Trabalhavam 18 horas por dia, mas nos fins de semana iam a shows, peças teatrais, exposições.

Num belo dia, após praticarem esporte, estavam no vestiário com Murray Brennan, chefe do Departamento de Cirurgia do Memorial, e Arap anunciou que ia para Stanford fazer seu Ph.D. “Para quê, você acabou de fa-



KIRSTY WIGGLESWORTH/AP

zer dois anos de *fellowship* no Memorial”, indagou Brennan. Observa Younes: “Wadih já tinha claro que queria ser clínico e pesquisador”. E assim foi.

Em 1994, Younes tornou-se diretor do Hospital A.C. Camargo. Chamou Wadih Arap para trabalhar com ele, ofereceu-lhe também uma vaga na área de oncologia na USP, “mas o Wadih foi ficando”. Depois conheceu Renata Pasqualini e aí não houve volta. Os dois, ponderam Saminho e Younes, parecem determinados a ficar nos Estados Unidos. “Eles se complementam”, diz Younes.

**Indago a Younes** se ele acha uma perda para o Brasil eles ficarem por lá. “A ciência ganhou”, rebate. “Mas seria interessante se houvesse maior intercâmbio com cientistas brasileiros.” Brentani conta, entusiasmado, que Pasqualini e Arap são parceiros do A.C. Camargo por intermédio do M.D. Anderson. Em breve estarão em São Paulo para falar de projetos futuros. Pasqualini confirma: “Queremos estabelecer um acordo formal, portanto, Wadih e eu passaremos algum tempo fazendo pesquisa e lecionando no A.C. Camargo. Queremos forjar um elo mais estruturado entre o nosso laboratório e a equipe do Brentani”.

Sentado ao lado de Brentani, Emmanuel Dias Neto, cientista do A.C. Camargo que identificou o método Orestes de sequenciamento e obteve projeção

### Os brasileiros contribuem para a ciência, afirma Dias Neto. Mas Brentani repara: dinheiro há, falta é pessoal

**Estados Unidos.** Um terço da população sofre de obesidade, que provoca, entre outras, doenças cardiovasculares e diabetes

mundial em genômica, além de ter passado alguns anos ao lado de Arap e Pasqualini no M.D. Anderson, diz: “A gente já passou daquela fase de que o brasileiro é bom porque faz isso ou aquilo. Estamos contribuindo para a ciência”.

Mas o Brasil produz menos em termos de ciência que os Estados Unidos por falta de dinheiro? Brentani toma a palavra: “Aqui falta pessoal. Aqui tem pouca gente que entende o que você faz. Nos EUA há uma comunidade científica grande, dá até para ter inimi-

gos (*risos*). Há com quem trocar ideias, ou discutir, no Brasil isso é mais difícil. A desculpa de que aqui não tem dinheiro não vale mais, porque agora tem dinheiro. E muito dinheiro. O CNPq tem um orçamento bom”.

**Cientistas como** Pasqualini e Arap no A.C. Camargo, é claro, só podem trazer boas trocas de ideias. Assim como Arap, o nível acadêmico de Pasqualini situa-se nos mais altos patamares. Renato, seu pai, extravasou sua alegria com o sucesso da filha e do marido para *CartaCapital*. Ela era precoce? Ex-vice-presidente da Alpargatas, Renato vira-se para a mulher, Wilma, e indaga: “Com quantos anos mesmo a Renata aprendeu a ler?” “Três”, ecoa a voz no fundo. “E ela aprendeu a ler sozinha.” O pai conta: “Ela folheava as revistas e perguntava as letras. De uma hora para a outra começou a encadear as letras, e começou a ler”.

Renata era muito estudiosa, lia três, quatro livros ao mesmo tempo. Sempre muito responsável, dizia que queria estudar biologia e oceanografia. Além do inglês, logo aprendeu francês e italiano. Cláudia Giudice, amiga de Pasqualini desde os 6 anos, quando cursavam o Colégio Assunção, em São Paulo, ex-repórter e hoje diretora-superintendente da Editora Abril, conta como iam para a casa dos pais da amiga em Ubaituba. “Ela já adorava o mar e queria ser oceanógrafa, e adorava biologia.” “A gente viajava muito na juventude pelo Brasil inteiro. Somos da geração dos anos 80. A gente não era nem ‘Coca-Cola’, nem hippie. Ficou no meio.”

Pasqualini acabou cursando biologia na USP. Depois fez pesquisa no Instituto Ludwig do A.C. Camargo. Passava horas no laboratório. E continua. Pergunto quando a droga contra a obesidade estará disponível nas farmácias. “Todo mundo faz essa pergunta, mas o processo regulatório é bastante complicado”, responde. Impossível a previsão. “Ainda tem muito chão pela frente”, concorda o doutor Seeley, diretor do centro de pesquisa de diabetes e obesidade da Universidade de Cincinnati. “Ninguém deveria pensar se deve ou não comer pizza hoje à noite”, brinca Seeley. ●

\*Colaboraram Clara Roman e Gabriel Bonis